

○ HUMANISMO DO CINEMA SOVIÉTICO

O sentimento da fatalidade, o desespero, não se apoderam dos espectadores nem mesmo quando os filmes terminam com a morte de um personagem simpático. Nos filmes soviéticos vemos morrer Nilovna (a Mãe), a guerrilheira Zóia (Zóia), Ielena Costiuc (O Arco Iris), Naquimov (Almirante Naquimov) e outros personagens. Mas estas mortes, por mais dolorosas que sejam, parecem sublinhar o facto de que a vida e os ideais pelos quais caíram os heróis continuam a existir. Nos olhos dos espectadores estes ideais se tornam mais importantes e mais nobres, no momento em que os melhores homens por eles sacrificaram as vidas. Os espectadores encontram nos filmes soviéticos a fé no porvir, encontram exemplos de civismo e de coragem, alento e encorajamento para prosseguir na luta.

Pode-se mencionar outro aspecto característico do cinema soviético, é o humanismo oriundo da concepção marxista-leninista e orientado na luta contra os exploradores e opressores dos operários. Daí deriva uma orientação claramente definida do cinema soviético, a sua luta pelo homem-cidadão, pela sua liberdade e a sua independência; a deriva, igualmente, o ódio e a intresigência nos confrontos com o inimigo.

Em suas tentativas de desacreditar os filmes soviéticos, a imprensa reaccionária costuma acusá-los de "atirarem lenha à fogueira do ódio e das paixões pavidas". Acusações deste género foram feitas sobretudo com referência aos filmes dedicados à Grande Guerra Patriótica. Os que sustentam este ponto de vista não se preocupavam, porém, com as atrocidades cometidas pelos nazistas na Rússia. O que eles não entendiam era o ódio dos guerrilheiros soviéticos contra os nazistas.

Efectivamente, os filmes soviéticos reflectiram com veracidade a luta de libertação do povo e mostraram os conflitos insaneáveis entre o velho e o novo. Mas isto representa a prova mais evidente do humanismo dos filmes soviéticos, desde que se compreenda que o ódio a tudo que é hostil ao povo e ao seu bem-estar é uma legítima manifestação de afecto à pátria socialista. O humanismo dos filmes soviéticos nada tem de comum com o humanismo abstracto do director ianque John Ford, que pretende esboçar o retrato do homem "em geral", quer se trate de um pedacinho magneto (The World Moves On - A marcha dos Séculos - 1934) de um operário que trai seus companheiros (The Informer - O Delator - 1935) ou de um ladrão (Stagecoach - No Tempo das Diligências - 1939). E tampouco tem de comum com o humanismo sentimental de D.W. Griffith, que derrama lágrimas ardentes sobre pobres moças abandonadas, ou com o humanismo individualista de Charles Chaplin que se dá conta perfeitamente da inutilidade da luta que o seu "Carlitos" conduz para o seu mesquinho bem-estar egoísta contra o grande mundo capitalista hostil.

Os cineastas soviéticos querem mostrar o cidadão soviético em carne e osso que luta por seus nobres ideais, mostrar a sua mentalidade e, na sua pessoa, o povo e o seu futuro. Os personagens dos filmes soviéticos inspiram um grande respeito pelas figuras que encarnam, pelo ódio que nutrem pelos próprios inimigos, pelo desejo de que estão animados de lutar pela felicidade dos homens. Eis em que consiste o profundo senso de humanismo do cinema soviético.

Resumindo, pode-se concluir que no curso da sua existência o cinema soviético conseguiu formar na arte cinematográfica uma escola independente e baseada sobre princípios bem definidos. Da estrutura dramática do cenário à montagem das diversas cenas rodadas, os processos técnicos estão coerentemente vinculados ao conteúdo e à ideologia da obra. Por sua vez, o conteúdo do filme é um resultado de um assíduo contacto dos artistas com o povo.

Não se pode ignorar a influência da escola soviética sobre os homens progressistas do cinema na América e na Europa.

